

O BONDE

DIRETOR

Antônio A. Athayde

Redator-CHEFE

Nemésio José Sório

GERENTE

João E. Ramos

Órgão Informativo, Cultural, Crítico, Humorístico dos Alunos da ESAV

Ano I

ESAV, 22 de Setembro de 1945

Número 4

Trabalhadores Anônimos

Você já pensou meu leitor, alguma vez, onde e como é impresso este jornal? Talvez isto não lhe tenha ocorrido ainda, pois sabemos que você o lê geralmente nos pequenos intervalos que lhe sobram nesses exaustivos fins de semana.

Assim vamos lhe contar essa curta história. Não lhe falaremos com ditos chistosos, nem palavras difíceis ou frases engenhosas... A nossa linguagem não tem floreios, pois é a linguagem do povo, simples, mas sincera como êle próprio.

Há nos porões da ESAV, num dos seus recantos, duas pequenas salas. Numa dessas estão montadas as máquinas impressoras. Na outra há uma extensa mesa e várias gavetas com tipos.

Ao entrar na primeira sala, além das máquinas vemos papel por todo lado, prateleiras carregadas de impressos e quase sempre dois ou três rapazes cortando papel, dobrando impressos ou encadernando. É aí que trabalha o Bené, aquêle do futebol. Também o operário Jamil Amorim, quem imprime «Ceres».

Quando penetramos na sala seguinte vemos vários rapazes que manejam com os tipos responsáveis por estas letras. Esses tipos são geralmente pequenos e terríveis para lidarmos com êles. Entretanto, dansam como brinquedos nos dedos calosos daqueles tipógrafos. Aí, encontramos superintendendo todo o serviço da tipografia, o nosso amigo S. José. Você talvez já cruzou com êle várias vezes nos corredores e avenidas da nossa ESAV. Não o conhece porém. Mas devia conhecer, e havia de sentir a mesma impressão que invade a todos nós que labutamos lá na tipografia. É um operário modesto, de cabeça já pintalgada de branco em consequência dos trinta e dois anos de trabalho tipográfico. Amável no trato, tem a honestidade em alta

(Continua na 6ª página)

EGOISMO

DALMO GIACOMETTI

Sem dúvida nenhuma, entre os maiores defeitos da humanidade, estão o egoísmo. Esse mesmo egoísmo que tem sido o responsável por terríveis guerras de conquista, mortes que deixaram o nome de suas vítimas na história, roubos escandalosos, demorações políticas, etc.

Deixemos de lado os pseudópodos imperialistas dos ianques, as garras de demônio da Inglaterra e as cartadas infelizes de Ditadores ainda ontem derrubados e transportemo-nos para o ambiente da ESAV exemplar, onde as observações psicológicas nos levam à conclusões mais seguras, pois o campo é vasto e o material abundante.

Poderíamos então classificar nossos colegas em três grupos: egoístas, neutros e homens de boa vontade. Egoístas são os que vivem sua vida, só tomam parte no que lhes dê grandes meces de benefícios; são sempre os «primeiros perús», berram sempre pelos direitos seus, ou supostos egoisticamente seus, não gostam de emprestar, costumam dizer — não copie! não tomei nota! não fiz ainda! não comprei! etc. Ainda outro dia, para que uma rosa conseguisse desabrochar naquela roseira deante do refeitório, exibindo assim a fragância do róseo encantador de sua corola para todos, e para que um destes indivíduos não a apanhasse e a levasse para o seu quarto, afim de que, somente ele, desfrutasse de sua beleza, um colega teve a feliz idéia de escrever um cartãozinho — «Não me arranque, por favor». Esses dizeres foram observados, a rosa abriu-se e todos puderam alegrar o espírito apreciando a sua beleza. Assim como essa rosa, quanta coisa não existe por aí que, às vezes por falta de um cartãozinho como aquele, os egoístas reservam somente para os seus olhos, seus desejos, seu «ego», esquecendo-se, por completo, dos indivíduos que fazem parte da sua comunidade também.

Neutros, são os indivíduos comparados aos... Vivem porque nasceram, estudam porque vieram para cá e para eles tudo pode vir como as águas de um rio em leito reto ou sinuoso — pouco se lhes dá. Esses vivem até aos 100 anos. A vida para eles é, porém, insípida e monótona — não votam em ninguém, não pertencem a nenhuma organização, fogem ao regime da força, desprezam o bem e o mal ao mesmo tempo, porque não os conhecem. Para esses, o céu é sempre azul, ou sempre cinza, no inverno faz frio e no verão calor; se chove haverá lama, se não

(Continua na 4ª página)

SONHO DE POBRE

A. DIAS LOPES

Existe, na cidade, uma garota que a poderíamos chamar de obra prima da arte divina. Alí, o cinzel da natureza parou por mais horas e esculpiu a candura e a beleza ao mesmo tempo. De côr tropical e andar simples despido de qualquer artificialismo, ela quando passa desperta o mais insensível dos homens para apreciar o belo.

Em um desses dias aziagos que cada um de nós tem, eu procurei a cidade para espargir a minha tristeza. Depois de alguns giros em torno do jardim, assentei-me no café do Gustavo para tomar o cafezinho costumeiro, sorvendo-o quase de uma só vez.

Não demorei muito, a figura simplória do meu amigo Cornélio, já estava me fazendo companhia. E enquanto eu tragava as fumaças do meu cigarro, companheiro fiel de todas as sortes, êle saboreava também um cafezinho, procurando descobrir minha desdita com palavras consoladoras e irônicas, acompanhadas de uma alegria transbordante. Mas, no momento em que êle acendeu um cigarro, calou-se profundamente como se estivesse sendo levado, por entre as fumaças do mesmo, para os espaços siderais.

— Que houve Cornélio?

— Nada Potoca. É a miragem dela. Como é bela, linda, majestosa, e única aqui na cidade! Minha alma boêmia já não pode mais cobrir-se com a máscara do álcool porque já se cansou de procurá-la. E no entanto, amigo, todas as vezes que as baforadas do meu cigarro sobem pelos espaços em névoas cinzentas e sinuosas, eu antevejo a sua imagem percorrendo as ruas da cidade, dissolvendo, na singeleza de seus passos, a Alma de um Boêmio e o Sonho de um Pobre.

EXPEDIENTE

“O BONDE” — Órgão informativo — cultural — crítico — humorístico dos alunos da ESAV — Circulação interna.

DIRETOR — Antônio Augusto Athayde

REDATOR-CHEFE — Nemésio José Sirio.

GERENTE — João Evangelista Ramos.

REDAÇÃO

Antônio Dias Lopes, Alberto C. Silva, Lelivaldo Brito, Isaltino Soares, Glauco Olinger, Alberto Figueiredo, Dalmo C. Giacometti, Acyr V. Guimarães, Luiz V. Silva, Roberto W. Rodrigues, Alberto M. Alonso e Ferdinando Mendes.

Assinaturas — Ano . . . Cr\$ 10,00
Semestre . Cr \$ 6,00

Solicita-se aos colaboradores enviar artigos datilografados em espaço duplo, responsabilizando-se pelos mesmos. Não se devolvem originais mesmo os não publicados.

Este Jornal é composto e impresso nas Oficinas Gráficas da ESAV.

Propaganda

O rico e «mão aberta» Luiz I, o FAFÁ, atualmente escreve uma obra megalosáurica, cuja leitura constituirá um lenitivo para os que admiram o bom prato.

O grosso volume trará na capa os seguintes dizeres: «Breve Introdução sobre o Valor da Comida do Internato na Alimentação de Úlceras e Gastrites».

Tentarei resumir o assunto, recorrendo ainda aos itens, sem contudo perder-me no labirinto deles, conforme aconselha o professor Torres.

1ª Provas reais:

a — Coleta de uma caixa de pedras e seixos (de acôrdo com a classificação do professor Tchernozem), — feita pelo conceituado Cabeluda.

b — Coleção de moluscos encontrados na alface pelo gasogênico Ricardo Wilibaldo Totó, que também atende por Hexsel.

2ª Prova duvidosa:

a — Impossibilidade do autor assinar «O Bonde» em virtude do mesmo estar dispendendo vultuosas somas na extração de um valiosíssimo cristal de quartzo, que se acha alojado no duodeno e foi ingerido com arroz.

FANFAN

VENENOS...

Recebemos a seguinte carta do nosso colaborador Patton, que transcreveremos sem comentários:

Caro redator de «Venenos»
Redação do «Bonde»
E. S. A. V. — Viçosa

Saudações

Uma vez palestrando com o Sr. Athayde, observei que ele ficou profundamente magoado com a primeira coluna de Venenos pois foram mencionados os nomes de Walter Durock e Boi na questão dos travesseiros, e o seu ficou esquecido.

Assim sendo, peço ao Snr. redator de Venenos que faça justiça para não dar margens ao aparecimento de casos como este.

Sinceramente,

Patton

Atenção! Foi fundado o Clube dos Rufiões especializados!

Na primeira eleição, foi eleita a seguinte diretoria:

Presidente: Rabicho, o Tal

Vice « : Pepito, o Belo

Tesoureiro: Cesar Cáceres

Foi também escolhido para varredor da futura sede social o conhecido Quevedo. Será que o seu cartaz desceu tanto devido aos venenos?...

Tamborete, o popular e mignon aluno do M-4, acaba de retirar de sua bem conformada boca alguns exemplares que o estavam incomodando. Inclusive um dente de ouro também saiu. Dizem as más linguas, que êle os colocou no «prego» para comprar um pneu novo para bicicleta!...

O Beija-Flor, *estudioso e aplicado* aluno do M-2, interessado em estudar Zoologia aplicada, na parte de esqueleto humano, tem andado ultimamente em companhia do «Big Cotia». Crêmos que ele esteja em negociações para a compra do esqueleto do seu inseparável colega...

O buffet do baile da Rainha esteve concorredíssimo. Além dos preços relativamente não muito exploradores, o corpo de garçonetes estava de abafar! Entre elas distinguimos a esbelta Mangueira, a pensativa Mauricéa Augustina, a truncuda Dalmia e a filosofa Robertina Azeite. Também assim, até eu fui obrigado a morrer nos cobres e nas respectivas gorjetas...

O «Mestre de Baile» Figueiredo Espiga esteve impecável! O trabalho dele foi tão notável que não poderíamos deixar passar em brancas nuvens sua atuação, pois completou assim a manifestação de apreço dos esavianos à sua majestade Nelly. Por falar em rainha, a noite para êle foi ótima pois apesar de seu «sangue azul nada ter de realza», êle meteu os peitos e ainda acabara tornando-se nobre, não de Viçosa, mas quem sabe, de Rio Branco...

Continua aferrada a disputa entre os conquistadores de meia pataca, que infelizmente abundam na nossa Escola. O Rabicho está cada vez mais se tornando intolerável pelos seus «fóras». O próprio Quevedo teve o seu trono de Rufião abalado com a última do Rabichinho.

Ora calculem, o dito cujo largou-se de Viçosa em direção a Rio Branco para falar com o pai de uma determinada moça, com o fito de pedir a êle, a mão da filha. O distinto senhor, não conhecendo o Rabicho estava disposto a ser favorável, dependendo exclusivamente da opinião da filha.

Por uma destas coincidências caprichosas do destino, a pseudo-vítima, em chegando e sabendo da causa da visita do Rabicho, depois de uma pequena gozada de uma meia hora, pondo suas delicadas mãosinhas nos quadris, disse num muchôcho: «Ora, você não se encherá?... Pobre e infeliz Rabicho...»

Don Cesar Cáceres, como bom descendente que é de Don Juan Charuto, «espalhou-se no baile da Rainha. Assim como ele, vários outros que não podiam nem deviam, cair na farrã. Pobre das moças que confiam nos rapazes da Escola...

Nova linha de halfs que surge nas lides Esportivas amorosas da Esav. E' ela formada pelos seguintes jogadores: Taxinha—Peroba—Rabicho. O verdadeiro half esquerdo, todavia, é o Babalú, que no momento se acha ausente. Todavia, a dianteira do time de Rio Branco entrou em campo com um jogo de corpo que desnor-teou completamente a marcação, deixando-os completamente tontos. Eles estão precisando é de um pouco de individual e, aconselhamos que procurem o Dr. Raymundo para tal...

FREDDY

PARA VOCÊ ESAVIANO AMIGO

Von ππ

Eu fui a Muriaé. Éta «país» bom, sô! E por dois motivos me lembrei de você «meu velho»: mulheres e «boia».

Loiras, morenas, brancas e não brancas, o bicho de sáia era farto. Basta dizer que até o Pavão arranhou várias namoradas, para lhe dar uma idéia da fartura. Nos bailes, nós ficávamos malucos sem saber com qual dançar. Eu senti não poder materializar minha alma para satisfazer aos olhares lânguidos e dansarínicos que a morena faceira me dirigia, enquanto estreitava nos braços uma «falça loira». E por ver tantas pequenas, eu me lembrei de você, esaviano, porque dentro em pouco estarei aí nesse «miserê». Passarei às noites pelo jardim, a procura de um belo sorriso, mas só verei calças... compridas. Nos bailes será a tragédia eterna, a belíssima proporção: 400 valetes para uma dama; como pode existir um «baralho» tão roubado, santo Deus! Ai, não dansarei nem uma vez, porque não sou forte nem corredor para «varrer» a multidão masculina que se achar em minha frente, afim de alcançar uma dama, e também porque não tenho «jeito» de escorar uma delas, ou chamá-la mesmo, da porta daquele «quartinho» do Atlético, que elas têm o mau costume de entrar no final de cada dança. Para fazer o quê, não sei.

Lembrei-me de você, amigo esaviano, pela segunda vez, porque estive presente a um almoço e a um jantar. Não falarei do jantar, porque foi na casa do seu Néca Araujo, e para você parecerá um sonho. Basta dizer que o «garçon» foi o representante do Secretário da Agricultura, o Dr. Rui Alves de Araujo. Falarei somente do almoço, um lauto banquete às 3 horas da tarde no amplo salão do Muriaé Tennis Clube. Eis o cardápio: mayonesa, leitôa, empada, arroz de forno, Perú com farofa. Sobremesa: pêcegos em compota. Vinhos, cervejas e águas minerais. Por isso, lembrei-me de você, meu camarada esaviano. Três horas da tarde... hora em que o estômago triturado, possesso, um montão de celulose, querendo arrancar daí, alguma coisa que forneça energia à sua má-

quina orgânica. Sim, pois a «gororóba» aprotéica e anti-gordurosa da D. Germana, só pode fornecer energia até às 3 horas.

Mayonese, quando já vimos mayonese na ESAV? Haverá alguém, por acaso, que queira alcinhar aquele grude de batata com raras gotinhas de azeite de lamparina, mayonese?

Leitôa, ó! leitôa! Chamar leitôa aquela pálida amostra que nos dão no jantarado da Páscoa? Só recebemos um «ligeiro cheiro» por economia, e para não causar vergonha às famílias dos Srs. professores, a tradicional piruacão, o avanço troglodita.

Por que nos fantaziamos com fitas e guizos se a nossa vestimenta habitual é farrapo? Terminada, é verdade, a beleza aglutínica daquele racionado jantarado, mas em compensação, poderíamos nos vangloriar de haver comido leitôa (ou leitão, não importa), uma vez na Escola, e de ter quebrado o grilhão pão-durífico que envolve a cozinha. Empada, com recheio de camarão e outros «tróços» que a tornam um complexo tão agradável ao paladar. Alguma vez, na ESAV exemplar, nos foi permitido saborear uma empada? Não, mil vezes não! O que nos servem, é uma crosta farinhenta com uns pedacinhos de batata dentro; êsse negócio insípido nunca foi empada.

Arroz de forno nem é bom falar...

Perú com farofa. Perú, êsse galináceo raro que conhecemos através de 2 exemplares que tem no aviário. Si não fosse o «ronda», que seria desses «2 ilustres cidadãos», eim, Pai-vaca, Espeto e Cacau?

Compota de pêcego, cerveja, vinho e águas minerais, só no Gustavo ou no Português.

Agora, creio firmemente que quem sai da ESAV, jamais a esquece, quer por sua grandeza, quer por essas pequenas cousas que encomodam.

O HOMEM DO MOMENTO

CAP. TRÊS V

Lá na fazenda do Estado de Minas, Eu conheço um sujeito, com cara desabichão, O nome dele, eu sou bonzinho não digo não Quem quiser advinhar, penselogo no pavão,

Este sujeito é bastante inteligente, Quem tiver alguma dúvida durante seu [estudo,

Dê um pulinho lá na porta da terceira E ele amavelmente, abre logo «o eu sei tudo»

FATOS E BOATOS

OLEO e OLARIA

Que o Precoce namorou uma tal loura de Juiz de Fora na ausência da sua garota é fato, mas que ele pode fazer alguma coisa no baile da rainha é boato.

Que o Dalmo trabalhou no «buffet» para ficar rico é boato, mas que ele não dansou porque ela não veio é fato.

Que o Mata 13 «topou» uma declaração de uma moça de Ubá é boato, mas que ela duvidou dele é fato.

Que certos rapazes na Escola se dizem «machudos» é fato, mas que as moças voltaram decepcionadas é boato.

Que o Carmelito tem namorada em Viçosa é fato, mas que ele desta vez não foi ingrato é boato.

Que u'a moça disse ao Trepadeira: «Vem meu amor», é fato, mas que ele teve coragem de ir é boato.

Que a turma foi ao «buffet» se «esquentar», é fato, mas que rosetaram é boato.

O provérbio do Pavão: «Não me interessa se o pato é macho, o que eu quero é o ovo».

Alguns conselhos ao Rabi-chô.

Volte para casa
Pague suas dívidas
Compre cigarros

Desconfie que é horroroso e deixe as mulheres em paz. Regresse ao lar ou seus pais não lhe querem?

Não venha às aulas.

Rabiço, não vá a Rio Branco, não fique sete dias na casa da garota e aqui entre nós, não diga que você é noivo porque quem está namorando ela, é o Peróba.

Que o Vanazzi ficou em Ubá, é boato, mas que lhe disseram aqui: «Vamos Vanazzi! Vamos...» é fato.

Quando ele perde uma boa discussão, Bate a língua, mexe os dentes, vai ler pu- [blicação,

Sai de lado com um sorrisinho brejeiro, É assim nossa amizade, colono e retireiro.

Coisas que todos devem saber ...

BADÔ

Que a Escola abatia dois bois por semana e que agora abate três, sendo um para o Piedade.

Que o Djalma Requeijão só faz barba cortando o cabelo.

Que o Quarentão está usando pó de arroz Reny, para melhorar sua cutis.

Que o Mané Carapina chegou ao refeitório à hora certa.

Que o novo candidato ao trono da rainha é o Enxó.

Que o espeto da ESAV é o Gomide, que anda espetando todos os alunos.

Que o Isaltino não janta e nem come sobremesas, para emagrecer, e conquistar certa garota da cidade.

Que alguém duvida da pança do Miguelzinho ...

Que o Melado mandou vir da América do Norte uma pinça para pinçar suas sombrancelhas ...

Que o Caracas é o aluno menos «pesado», portanto, o mais leve da ESAV; pesa 33 quilos.

EGOISMO

(Conclusão)

chove haverá poeira — que fazer? Se o beef é duro é porque o boi era velho, se encontrou uma largata na alface — solta o bichinho!..

O último grupo é dos abnegados, esses que Haldoux Houxeley numa expressão feliz, chamou-os: «Homens de boa vontade» são os criticados, os que mais dão motivos a comentários. Bons para uns e maus para outros — nesse mundo não é mesmo possível satisfazer a todos. Emprestam tudo, fazem de tudo, servem a todos e tem um sorriso para todos. Quando bem levados cedem até o lugar na fila do cinema. São felizes por servir a Humanidade: «O homem veio a terra para servir e não para ser servido». Constituem a minoria, porém, seu valor qualitativo é maior do que o dos outros dos primeiros grupos. Se o céu é azul o tempo é bom, o seu espírito se contamina com a alegria da natureza. Se gostam de frio, elogiam-no e se preferem o calor condenam o frio. Se chove e há lama — que lama horrível! e se não chover e houver poeira — que poeira intolerável — é preciso fazer alguma coisa! Se o beef é duro — é preciso matar animal mais novo e se encontrar pedra no arroz ou largata na alface — é preciso chamar a atenção do cozinheiro que está precisando usar óculos. São idealistas e esperam seguir o exemplo dos que tem construído o esteio para a Humanidade carunchada e volátil. Olham sempre para a frente, para os lados, para trás, para o infinito insondável da miséria Humana, na ânsia louca de extingui-la e às vezes nem sequer sabem que suas calças estão furadas.

Baile da Rainha

Conforme estava anunciado, realizou-se em 15 do corrente o tradicional Baile da Rainha.

Mais uma vez, o Diretório nos presenteou com tão elegante festa.

Após a palavra de S. M. Nely, dirigida aos seus súditos, saudou-a o colega Antônio Dias Lopes.

Especialmente convidadas, estiveram presentes à coroação, as rainhas dos estudantes e do Aéro-Clube, de Rio Branco.

Aniversário do Diretório

Posse dos novos dirigentes

Transcorreu a 19 do corrente, o 11º aniversário de fundação do nosso Diretório. Como de praxe, nessa data foi empossada a nova Diretoria e o Conselho Deliberativo.

Para isso, fez-se realizar uma sessão solene, às 19,30 horas, no salão nobre, intercalado de números musicais.

Após o empossamento dos novos dirigentes, falaram o ex-presidente, agronomando Afonso Nogueira Simões Corrêa e o atual, Everardo Barbosa. Ambos foram muito felizes em suas orações; memoraram o passado glorioso do nosso Diretório, e, concitaram, mais uma vez, os estudantes desta Casa, a levar avante o ideal esaviano, sem nunca esmorecer.

O BONDE, associando-se ao pensamento dos seus assinantes, congratula-se com o D. E. por tão auspicioso acontecimento e, felicita, mais uma vez, os seus novos dirigentes.

Churrasco

Realizar-se-á amanhã no sítio do agrônomo sargento Kümmel, promovido pelos gauchos, matogrossenses e pontaporanenses, o tradicional churrasco do ano, à moda dos «pingos».

Por certo, muita «causo» se ouvirá na roda do mate, enquanto a graxa da costela estiver se desfazendo ao calor do brazeiro. Lamentam todos, porém, não haver «pingo», nem «ponta» de gado alçado para abrir-lhes o apetite. Contudo, as bombachas estão passadas, as botas ensebadas e as gargantas preparadas... E si encontrarem por lá algum «bichincho», a volta se fará só na segunda-feira, sol alto.

Caleidoscópico Esaviano

WIMARANES

Mesmo em pleno setembro, com a falta das chuvas e com um restinho de inverno, poder-se-á observar no Departamento de Agronomia um vasto campo verde que se ondula ao mais brando vento, dando-nos um espetáculo, pouco visto e de rara beleza. É o trigal, já com os seus grãos bem desenvolvidos. As plantas bem alinhadas e formadas demonstram o esmero com que o mesmo foi feito.

O trigal da ESAV, além de proporcionar um belo quadro para os nossos olhos, representa também a possibilidade de se produzir em boas condições técnicas, esse cereal tão útil e indispensável para a alimentação do nosso povo. Representa, portanto, uma vitória, pois, a alimentação constitui um sério problema a resolver, e, em parte, ele será resolvido com a nossa própria produção de trigo.

Que a ESAV nos presenteie à vista, anualmente, um trigal como o atual, multiplique-o, dissemine as suas sementes, ensinando o lavrador a plantá-las como devem ser plantadas. Para isso, também nós — estudantes de agricultura devemos nos mobilizar.

Retalhos em números

COMPILAÇÃO DE A. V. G.

Criamos, hoje, esta meia coluna, com o fito de publicar algumas coisas curiosas, as quais — dizem os livros — são verdadeiras.

E, àqueles mais curiosos que desejarem saber a fonte donde foi extraída esta ou aquela curiosidade, rogamos pedir a «O Bonde» que a indique.

Aceitamos, e até mesmo pedimos, que os leitores nos enviem suas colaborações para esta coluna.

**

A maior obra de Fitografia do mundo é a «Flora Brasiliensis», de Martius. Consta de 40 volumes, são descritos 2.253 gêneros, 22.767 espécies, sendo 19.619 brasileiras e 3.168 dos países limítrofes; destas, 6.246 são figuradas nas 3.811 estampas da obra.

Foi elaborada em 66 anos, por 65 botânicos, sob o patrocínio de 3 monarcas: o Imperador do Brasil, o rei da Baviêra e o Imperador da Áustria; custou ao governo brasileiro a subvenção de 660 contos de réis (naquêles tempos!) e, à casa editora outro tanto!

**

A nossa Escola possui a obra acima citada.



ESPORTES

ROUPA SUJA SE LAVA EM CASA

— C. S. SCHLOTTFELDT —

Vou ser rigoroso nesta crítica como gostaria de ser num treino qualquer. Analisarei dois aspectos de nossa última partida de basquete.

PARTE TÉCNICA :

Nosso jogo até à metade do segundo tempo foi praticamente irreconhecível. Houve certo controle no sentido de reter a bola, mas nenhum que produzisse jogadas desenvolvidas, dando ao jogo um aspecto parado, pouco elegante e dos menos agradáveis para a assistência sensacionalista. Só no período final é que apareceram jogadas mais rápidas, mais bonitas.

O «team» adversário apresentou elementos individuais de valor, especialmente três homens de boa classe, mas não se mostrou com grande conjunto. Já no nosso, embora com elementos de menos classe, de um ponto de vista geral, predominou este último.

Resumindo : nossas cestas apareceram, perdemos, contadas com segurança, 5 bandejas livres, juntinho das tabelas (seriam 10 pontos a mais e os elementos que falharam bem que deveriam ter sido substituídos !); não erramos nenhum lance livre.

ASPETO ESPORTIVO-SOCIAL :

Houve faltas numerosas e recíprocas. O nosso pessoal do basquete não se mostrou à altura do esquadrão ao se descontrolar, respondendo a certas provocações impróprias, ao dar suas «piadas» irônicas e até permitir deslizar algum «palavrãozinho»... Não é lógico um tal modo de agir; se existe provocação, não há motivo algum para revidá-la e o pior é que perdemos o direito de reclamar contra a mesma.

Os nossos adversários trouxeram elementos sem dúvida já experimentados quanto a este ponto, pois percebi tentativas de «trucs» bastante conhecidos, alguns não notadas por gente boa, tais como : reclamar ao juiz com certo modo, mas insistente e irritantemente. Quando o «golpe pega» o juiz sente-se «abafado», diminuído perante a assistência, acaba com incerteza, dando margem a reclamações justas e se descontrola — está conseguido o objetivo. Outros mais comuns são os da cotoveladas quando muitos saltam juntos, o do afastamento do centro quando este tem o seu «giro» bem bloqueado e o velho «pega-calção», por baixo, enquanto o juiz olha para a bola, no alto. Infelizmente vi de todos, alguns aplicados por nossa gente também.

Reconheci certas faltas do juiz, mas faltas que qualquer um comete, faltas que foram praticadas indiscriminadamente contra qualquer dos grupos. Ninguém criterioso e imparcial, que conheça o jogo e que tenha assistido à partida, poderá usa-lo de tendência premeditada num sentido qualquer. Eu não vi, por exemplo, um caso como o que se verificou em nossa partida de futebol, aliás altamente elogiável para os nossos, de um jogador ser rebocado escandalosamente por três a quatro metros nas «barbas» do juiz que, apesar de tudo, e mais para fim da partida parecia de boa fé.

FINALMENTE A NOSSA ASSISTÊNCIA. Tivemos torcida boa, altruista; mas também tivemos os ditos individuais desairosos, impróprios para qualquer pessoa, especialmente para quem hospeda. Isto aliás, verificamos em todas as demais competições. É verdade que as más torcidas, na maioria das vezes, estão intimamente ligadas a um mau estado de treino de seus quadros. Não tenho dúvida de que quando estes são fortes, organizados

e bem treinados, aquelas melhoram, ficam mais educadas (estamos tratando aqui das pequenas torcidas, de caráter doméstico e não das grandes, que são amorfas quanto à educação esportiva). Parece que em nossa Escola este mal é recente, importado, vindo de certas regiões bem nossas conhecidas e também dos jogos universitários, onde se vê, por contra senso com suas elevadas finalidades, inscrições ilícitas, má conduta moral ou péssimos exemplos anti-esportivos, tudo debaixo de um bom regulamento, mas com pouco espírito esportivo, daquele são e elevado que tanto temos visado na ESAV.

É verdade que quando um não quer, dois não discutem. E é verdade que tanta obrigação tem quem hospeda de ser bom, quanto o seu hóspede de ser cortês e educado.

NOTÍCIAS

Ao contrário do que se prophalava, Lavras não mais virá competir com a ESAV. Em compensação a A.E.E. dirigiu um convite ao Grambery. Caso este não aceite, fala-se no Colégio de Leopoldina e Escola Militar de Rezende.

Quarta-feira teve início o campeonato de Sinuca. O corpo de redatores de «O BONDE» que disputa o referido campeonato, diz que vai ser uma «barbada»!

O Dr. Raimundo que pretendia deixar a direção do futebol não, mais o fará. Estão pois de parabens os praticantes do association.

O quadro de futebol esaviano excursionará, no próximo dia 7 de Outubro p. f., a Ponte Nova, onde enfrentará um forte quadro local. Reina grande entusiasmo não só entre os componentes da equipe alvi-verde vicossense, como também entre todos os alunos da Escola; e, ao que nos consta, grande cavavana acompanhará nossos «players» afim de incentivá-los à obtenção de um resultado satisfatório.

SOCIAIS

NOITE SOCIAL

JOEL DA SILVEIRA

Quinze de Setembro. Noite escura e fria. A ESAV, envolvida pelas sombras, parecia gozar o merecido descanso daquele fim de semana.

O Salão Nôbre, todo festivo, deixava filtrar através de suas janelas, uma suave claridade.

Doce música invadia as imediações do prédio principal, indo finalmente se confundir com o marulhar das águas do São Bartholomeu.

Este corria, corria, indiferente ao barulho dos automóveis que chegavam.

Ambiente alegre. Perfumes no ar. Sorrisos bonitos. Vestidos rodados. Penumbra no salão. Música...

Era uma festa real. Não havia os protocolos da corte. Não se notava a ostensiva riqueza dos castelos. Faltava a corôa de diamantes cingindo a cabeça de Sua Majestade.

Havia, porém, mais que tudo isto. Ali reinavam a alegria e uma espontânea sinceridade. Todos prestavam homenagem a Nely Ribeiro Gomes, RAINHA DOS ESTUDANTES DA ESAV.

As flores substituíam as pedrarias.

O salão, fruto do esforço de dedicados colegas, realçava bastante apesar de adornado singelamente.

E assim, a festa continuou até alta madrugada.

Deixamos aqui muitos votos de felicidade para S. Majestade. Que o reinado seja próspero e na estrada a percorrer não apareçam os cardos da incompreensão.

Para você, garota de Viçosa, que se sobrepondo à maledicência popular, iluminou com o seu sorriso a nossa festa, manifestamos o nosso agradecimento. Que o exemplo do seu espírito superior sirva de almenara para as ovelhas desgarradas. Você está de parabéns.

Para você, garota de Viçosa, que desejando comparecer ao nosso baile não fez por motivos imperiosos, nós deixamos também um voto de louvor. Você sempre cooperou conosco e merece todo o nosso reconhecimento.

Finalmente, para você, garota de Viçosa, que, sem motivo de força maior, não compareceu à nossa reunião, expressamos aqui o nosso voto de pesar. Não que a sua ausência tivesse empanado o brilho da festa. Esta transcorreu alegre e animada.

Acredito que a sua falta não foi o reflexo de algum ideal insatisfeito. Apenas, você acreditou muito no que «diziam por aí», procurando deturpar o sentido dos nossos atos, sempre orientados com a melhor das suas boas intenções.

ANIVERSÁRIOS

Farão anos na próxima semana:

24 — Cely Mercês Figueiredo — prezada senhórita da sociedade viçosense.

26 — Dr. J. M. Pompeu Memória — professor de Matemática e Física da ESAV.

27 — Moacir da Rocha Calvacanti — o Sururú, rapazinho lá das bandas de Alagoas e outro grande admirador das moreninhas...

— Flávio Augusto de Araujo Couto. «Aviso do aniversariante» — aquele que quiser me presentear, fará um favor

embrulhando um inseto em um papelzinho de seda e amarrá-lo com uma fitinha azul, bordadinha de flores!... (Num diga!)

ROBERTO ANDRADE

Deixou-nos, dia 9, o T. Agrícola R. Andrade (seu Borracha). O «Bonde» deseja brilhantes êxitos ao colega nos seus novos empreendimentos.

POLAN SÉCULA

Esteve entre nós por ocasião do Baile da Rainha o ex-aluno Técnico Agrícola P. Sécula, figura que destacou em nosso meio estudantil e que atualmente é funcionário do M. da Agricultura no Est. de Espírito Santo.

ACONTECEU EM VIÇOSA

O Padre — Quantos são os mandamentos?

O Zé — Cinco, seu reverendo.

O Padre — Meu filho! seus cinco e mais cinco.

O Zé — Vejo!!!

Sociedade Amigos da Onça

— Vocês notaram que no jôgo de Basquete entre a ESAV e a ESV só o Couto, Dalmo, Mangueira e Libêncio deram o bicho berra pro Xilote!

**

— Porque será que o Coalhada só apaga o quadro negro para o professor Memória?

**

— Aviso às moças — Um rapaz alto, moreno e simpático está procurando uma noiva até o fim do ano.

(Procurar o Renúncia no apto. 34, 6ª sessão, ESAV).

**

— O F. onça ouviu dizer que o colombiano, M. Aguiar está no Brasil fugido de sua esposa que ficou na Colômbia...

**

— Já que foi iniciado um torneio de sinuca, pergunta-se aos colegas Afonso, Walter Duroc, Precoce (os mais assíduos) porque não fundam um torneio de poker?

**

— Informamos aos nossos leitores que os Srs. S. Catella, J. Nagem, Cáceres e Sr. Raimundo Sousa Lima ainda não assinaram «O Bonde».

Haverá necessidade de algum trabalho hidroterápico?

FELIX ONÇA

Trabalhadores Anônimos

(Conclusão)

conta, e uma justa consciência do dever. Os seu filhos, Jair e Nelson trabalham também no ofício de Gutténberg. O S. José é quem orienta tódô o trabalho de composição e impressão do nosso «O Bonde». E além dêle trabalha o Mário Bernardes. Também o João Ferreira, cuja habilidade de profissão entroza admiravelmente com a sua prática de serviços, tornando-o o braço direito do S. José e seu substituto nos momentos de ausência.

E' aí, caro leitor, e são estas pessoas que organizam os artigos neste semanário de modo que você possa lê-lo agora. E' êste pugilo de operários que compõem e imprimem também a nossa revista «Seiva», a «Ceres», o «Boletim dos Ex-Alunos», os programas das nossas festas, folhetos de divulgação e muita coisa mais.

Parece passo de magia a tipografia da ESAV dar conta de tanta coisa. Pois é. E tudo isto naquelas máquinas ainda antiquadas. E tudo isto conseguido por aqueles homens de ordenados tão pequenos e sempre atrasados por meses. Êles bem merecem uma sala ampla, limpa, onde se respire um ar melhor e se constipe menos. Eles bem merecem uma secção de clichéria e uma bôa linotipo.

O nosso jornal é produto de grande boa vontade dos nossos amigos da tipografia. São êles, trabalhadores anônimos, de quem pouca notícia temos, mas cujo trabalho sempre está junto do esaviano mesmo longe da ESAV. E, contraste curioso: êsses homens tão ocultos, mas de vida tão digna, são talvez os que mais divulgação fazem dos nomes de novos valores esavianos, mandando-os para os mais distantes rincões do Brasil, forjando, quiçá, o «cartaz» de futuros brasileiros ilustres.

«O Bonde» lhes presta hoje o seu despretençioso tributo e agradece sinceramente toda a bôa vontade que sempre tiveram em confeccioná-lo. Esses operários, como outros, constituem uma célula viva da nossa ESAV, trabalham honestamente no correr dos dias e, às vezes, das noites. Merecem o reconhecimento dos esavianos e nossa geral admiração. — A. A. A.